

LIVRE ARBÍTRIO E ECOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ECOTEOLOGIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DE SANTO AGOSTINHO E DO PAPA FRANCISCO

FREE WILL AND ECOLOGY: CONTRIBUTIONS TO THE ECOTHEOLOGY FROM SAINT AUGUSTINE AND POPE FRANCIS

Claudio Antonio Delfino¹

Resumo: Objetiva-se com esta reflexão verificar se a partir da relação de livre-arbítrio de Santo Agostinho e das reflexões do Papa Francisco acerca da situação ecológica atual e de sua concepção de Ecologia Integral seja possível extrair elementos que colaborem no processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea. A partir da apresentação e relação dos autores apenas citados e da relação de suas temáticas, almeja-se extrair contribuições para o processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea. O artigo será constituído dos seguintes pontos: considerações introdutórias; apresentação dos principais elementos do pensamento de Agostinho acerca do livre-arbítrio; apresentação dos principais elementos do pensamento do Papa Francisco acerca da situação atual da ecologia e de sua concepção de ecologia integral; contribuições a partir interface entre os dois pensamentos para o processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea; considerações finais; referências bibliográficas.

Palavras-chaves: Livre-arbítrio. Ecologia integral. Ecoteologia.

Abstract: Aims with this reflection verify if from the free will's relation by Saint Augustine and the Pope Francis' reflections from the actual ecology's situation and the integral ecology's conception be possible extract elements that collaborate on the constructive process from a contemporary ecotheology. From the authors' introduction and relation just quoted and the relation from your thematic, crave extract contributions from the construction's process from a contemporary's ecotheology. This article will be constituted by the following points: Introduction's considerations; presentations from the main Saint Augustine thought's elements from the free will; presentations from the main Pope Francis thought's from the ecology's actual situation and from the integral ecology's conception; Contributions from interface between the two thoughts from the constructive process from a contemporary's eco theology; final conclusions; bibliographical references.

Keywords: Free will. Integral ecology. Ecotheology.

Introdução

Objetiva-se com esta reflexão verificar se a partir da relação de livre-arbítrio de Santo Agostinho e das reflexões do Papa Francisco acerca da situação ecológica atual e de sua concepção de Ecologia Integral seja possível extrair elementos que colaborem no processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea.

¹ Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. E-mail: claudiodelfino72@yahoo.com.br

É evidente que a que em nossos dias vivenciamos os dramas de uma crise ecológica de alcance universal. Pelo que se tem notícias, em nenhuma outra época da história da humanidade encontramos o cosmo criado por Deus (Gn 1,1-2,4a)² tendo a sua vida devastada em tantos lugares e de tantos modos. Mas a natureza que está sendo devastada é o habitat onde homem e mulher convivem. Sendo assim, é inevitável que se pergunte o que tem provocado este triste cenário. Seria o próprio universo que estaria se autodestraindo? Teria o ser humano alguma responsabilidade sobre este triste conjunto de acontecimentos? Seria somente cada consciência individual a provocar esta grande quantidade de dramas no planeta neste momento da história? Qual o papel das Nações neste cenário? Teria responsabilidade as grandes empresas e outras instituições na atual crise ecológica?

A priori, é de se acreditar na impossibilidade de exaurir a rede de causas que fizeram a nossa mãe terra gemer como em dores de parto (Rm 8,22) considerando a complexidade da realidade hodierna³ e a natureza desta reflexão. Desta maneira, será empregado um viés hermenêutico delimitador da temática.

“Aurélio Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354 em Tagaste, importante cidade da Numídia (hoje Souk-Ahras) e faleceu em 28 de agosto de 430 em Hipona, de onde foi Bispo, sucedendo Valério”⁴. Ele é um dos grandes expoentes da Patrística, que nos deixou um grande legado. A sua busca incansável pela verdade é um modelo que ainda hoje deve nos estimular em nossas investigações. Dele será tomado o tema do livre-arbítrio, tema este que está intimamente ligado à questão de sua tratativa sobre a origem mal.

Outro expoente desta investigação será o Papa Francisco. Apesar de eleito Papa em 13 março de 2013, ele muito já colaborou com a Igreja nestes seis anos, com seus escritos⁵, mas também, com sua sensibilidade humana e do desejo de continuar a

² A Bíblia a ser utilizada será: BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

³ Quanto a complexidade da realidade em sentido mais amplo, assim nos lembrou a V Conferência do Conselho Episcopal latino-americano e do Caribe, em Aparecida SP, em 2007. Conferir por exemplo: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*. 2.ed. 2007. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007, nº 36, pp. 28-29. Em sentido mais específico, quanto à situação da crise ecológica hodierna, assim nos exorta o Papa Francisco: “Façamos uma resenha, certamente incompleta, das questões que hoje nos causam inquietação e já não podem esconder debaixo do tapete”. Cf. FRANCISCO. *Laudato Si* (Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum). Brasília: CNBB, 2015, nº 19, p. 20.

⁴ Cf. AGOSTINHO. *Confissões*. (Tradução: Maria Luiza Jardim amarante). 19ª Ed. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 5 e 8.

⁵ Conferir por exemplo: FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. (sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo atual). 1ª reimpressão 2014. São Paulo: Paulinas, 2013. *Laudato Si* (Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum). Brasília: CNBB, 2015 (sendo esta fonte específica que será utilizada nesta

renovação e abertura eclesiais, provenientes do Concílio Vaticano II⁶, tendo em vista por exemplo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo de hoje)⁷. Do Sumo Pontífice será utilizado a sua compreensão sobre Ecologia Integral.

A partir da apresentação e relação dos autores apenas citados e da relação de suas temáticas, almeja-se extrair contribuições para o processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea.

A reflexão será constituída dos seguintes pontos:

- I - Apresentação dos principais elementos do pensamento de Agostinho acerca do livre-arbítrio;
- II - Apresentação dos principais elementos do pensamento do Papa Francisco acerca da situação ecológica atual e da sua concepção de Ecologia Integral;
- III - Contribuições a partir da interface entre os dois pensamentos para o processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea.

1. Apresentação dos principais elementos do pensamento de Agostinho acerca do livre arbítrio

Breve aceno ao Maniqueísmo

É inevitável separar o pensamento de Agostinho de sua história de vida. Aliás, ele mesmo nos deixara como legado dois relatos sobre isto. Trata-se das obras denominadas *Confessiones*, redigida em 13 livros, em 399 e *Retractationes* em dois livros, redigida entre 426 e 427⁸. Na sua longa trajetória espiritual, com o coração ardente, em busca da verdade, não se pode esquecer, para o objetivo proposto nesta investigação, da adesão de Agostinho, mesmo como um mero ouvinte, não muito convicto, desta sua pertença ao Maniqueísmo, como segue:

reflexão). *Amoris Letitia*. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na Família). Brasília: CNBB, 2016. *Veritatis Gaudium*. Constituição Apostólica sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas). 1ª Ed. 2018. Brasília: CNBB, 2017.

⁶ Cf. DENZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 3ª Ed. 2015. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007, nnº 4001 - 4349, pp. 906 -1035.

⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* (GS): Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 25.ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

⁸ Cf. BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 11ª Ed. 2008. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 140.

Aos vinte anos entra na seita dos maniqueus, fascinado por sua atitude racionalizante e por sua moral cômoda [...]. Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio, numa mistura confusa do teu nome com o de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador”⁹

É nesta seita gnóstico-cristã que Agostinho aprendeu a existência de dois princípios eternos, isto é, o Bem e o Mal, sendo Deus o Bem e o Mal a Matéria. A duplicidade de princípios geraria, inevitavelmente, uma contradição metafísica. Além disso, tais princípios permaneciam em perene luta dentro do ser humano, eximindo o mesmo de qualquer responsabilidade moral em seus atos. Esta falsa doutrina seria desconstruída por Agostinho. O mal jamais poderia proceder de Deus, o Sumo Bem por excelência e sumamente Incorruptível e nem mesmo poderia provir da matéria, dado que também as criaturas corpóreas, além das almas, foram criadas por Deus. É impossível de um Ser sumamente Bom provir criaturas más. Agostinho percebe que aqueles que estudavam a origem do mal, estavam eles mesmos imersos na malícia¹⁰.

Livre-arbítrio e o problema do mal: resolução agostiniana

Apesar de ter feito uso da obra *Confessiones* para tratar de alguns aspectos da vida de Agostinho e de sua relação com o Maniqueísmo, de onde sente a necessidade de superar a falsa doutrina acerca da origem do mal, é à luz da obra *O Livre-Arbítrio* redigida em três livros, iniciada em Roma em 388 e concluída na África em 395, que será visto a origem do mal, a existência da liberdade e a razão porque Deus nos dotou de uma vontade livre¹¹. Tal obra é estruturada em forma de diálogo, onde Agostinho tem por interlocutor o seu amigo Evódio. Para cumprir o objetivo proposto serão selecionados na obra *O Livre-Arbítrio*, textos do livro III, cujo tema é: Louvor a Deus pela ordem universal, da qual o livre arbítrio é um elemento positivo, ainda que sujeito ao pecado¹².

Louvor a Deus pela ordem universal

⁹ AGOSTINHO. *Confissões*, Introdução, p. 6; III, 6, 68.

¹⁰ Cf. AGOSTINHO. *Confissões*, VII, 3, p. 172.

¹¹ Cf. BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*, p. 141.

¹² AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. (Tradução: Ir. Nair de Assis Oliveira). 4ª Ed, 2004. São Paulo: Paulus, 1996. O livro II contém três partes, 25 capítulos e 77 parágrafos.

Um primeiro elemento a ser considerado é o louvor a Deus de Agostinho pela ordem universal, da qual faz parte o livre arbítrio como elemento positivo. Tal relevância da ordem universal merece, de fato, louvor, pois toda a Criação, em seu estado originário, desde o princípio, saiu boa (Gn 1,10.12.18.23) e até muito boa das mãos de Deus (Gn 2,31). A harmonia e a bondade da Criação podem ser consideradas como participação na harmonia e bondade da Santíssima Trindade. Os atributos que em Deus formam uma unidade perfeita com a sua substância em grau máximo, por amor e desígnio Dele, concedeu no ato criativo, a todos os seres saídos de suas mãos participarem, cada um segundo a sua natureza.

Qual seria a causa do movimento da vontade?

Um segundo ponto a ser tratado é verificar qual seria a causa do movimento da vontade, que por vezes, se afasta de Deus, indo em direção dos bens inferiores. Num diálogo com Evódio, nos três primeiros capítulos do livro III, da obra em análise, Agostinho afasta possibilidade de que Deus seja a causa deste movimento, dado que Ele que criou tudo bom, não poderia deixar de atrair para si a vontade humana. Além disso descarta que tal movimento seja de ordem natural, provocado por uma necessidade intrínseca ao homem. Se assim o fosse, o ser humano seria eximido de qualquer culpa em seus atos. Para dar solução ao problema apenas posto, atesta o Bispo de Hipona:

Penso, portanto, que tu lembras como em nosso primeiro diálogo (1,11-21) ficou suficientemente estabelecido que nada pode sujeitar o espírito à paixão, a não ser a própria vontade. Porque nem um agente superior nem um igual podem constrange-la a esse vexame, visto que seria uma injustiça. Tampouco um agente inferior, porque esse não possui poder para tal. Resta, portanto, que seja próprio da vontade aquele movimento pelo qual ela se afasta do Criador e dirige-se às criaturas para usufruir delas¹³.

Desta maneira, Agostinho estabelece que o movimento da vontade em direção oposta ao Sumo Bem, que constitui o pecado encontra-se na própria vontade. O agente de tal movimento não pode ser alguém superior ao homem, como por exemplo, um anjo ou o próprio Deus, pois seria causa de injustiça, devido a desigualdade de natureza de entre eles (neste caso, o homem seria sempre inferior). Não poderia ser um igual ao homem (outro homem) pois seria coação. Por fim, não poderia ser um ser inferior (um

¹³ AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*, III, 1, 2, pp. 149-150.

cavalo ou uma árvore) pois estes seriam inferiores e sem poder para tal feito. Assim, é o próprio ser humano a causa eficiente desta ação da vontade.

Condição humana após o pecado original e a cobiça como raiz de todos os males

Mas o que levaria o ser humano a causar este movimento desordenado, dado que Deus o criou muito bom (Gn 2,31) e à sua imagem e semelhança (Gn 1,27)? Impossível não recordar que à atual situação humana, mesmo após a redenção em Cristo, traz consigo os danos da primitiva condenação à morte, de modo que não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero e, ainda, querer o bem está ao meu alcance, não porém, o praticá-lo (Rm 7,19.18)¹⁴.

Sendo o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27) decaído no pecado original (Gn 3) redimido em Jesus Cristo, mesmo sem seu merecimento (Gl 3,13) dotado de uma vontade livre e agente que a move, é de se perguntar ainda a Agostinho: qual seria a raiz de todos os males? Assim ele nos responde:

Com efeito, não penses que possa dizer algo de mais verdadeiro do que esta máxima: “A raiz de todos os males é a cobiça” (1Tm 6,10), isto é, a disposição de querer além daquilo que é suficiente e que cada natureza exige conforme a sua própria condição e fim de se conservar. De fato, a cobiça (ou o amor ao dinheiro) é denominada em grego “filarguria”, isto é, o amor da prata, termo esse que é dito não somente desse metal, mas da moeda da qual foi tirado o seu nome [...]. O termo deve ser entendido de todas as coisas desejadas com imoderação. Enfim, encontra-se a cobiça em tudo que o que alguém quer além do que lhe é suficiente. Tal cobiça é cupidez, e a cupidez é uma vontade desregrada (improba). Logo, é a vontade desregrada a causa de todos os males¹⁵.

Agostinho está dialogando com Evódio sobre qual seria a razão de todos os males. Reportando-se à Sagrada Escritura, ele afirma que a raiz de todos os males está na cobiça. Mas a cobiça do ser humano tem uma causa eficiente que a antecede, isto é, na vontade livre ou livre-arbítrio. Tal vontade em si mesma não é boa nem má. Ela é uma força, uma capacidade inerente ao ser humano que o permite de determinar-se através da escolha que se faz em cada circunstância da vida. Cada escolha para ser boa deve ser realizada segundo a nossa natureza e, portanto, segundo a reta razão. A razão humana é aquela faculdade que nos apresenta o limite necessário em cada escolha. Uma

¹⁴ Cf. AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*, III, 18, 51 p. 208. Agostinho trata da nossa condição atual devido ao pecado original.

¹⁵ AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*, III, 18, 48, p. 206.

obedecendo-a, agimos virtuosamente, já quando agimos em desacordo com ela (a razão) agimos segundo a cobiça. Enquanto a ação segundo a natureza racional visa alcançar somente o que é suficiente para o homem, a ação segundo a cobiça visa alcançar o que é excessivo, supérfluo, desnecessário. Ou a vontade livre é regrada pela razão ou é desregrada pela cobiça. Agindo bem, o sujeito moral não se afastará do Sumo Bem que é Deus. Agindo de modo desregrado, inevitavelmente, este irá para longe do Sumo Bem. E o retorno para Ele necessita, também, de sua graça. Por fim, é de salientar ainda que cada escolha incide não somente sobre o sujeito moral e seus semelhantes, mas pode condicionar diretamente o meio em que ele convive com os demais.

Enfim, na tratativa de Agostinho, pode-se mencionar a busca incessante do Bispo de Hipona acerca da origem do mal. Ele reconhece e louva a Deus pela ordem universal, proveniente da Criação, já dando indicações de que Deus não poderia jamais ser a origem do mal, como também as suas criaturas em si mesmas, incluindo o ser humano. Desenvolvendo a sua reflexão, Agostinho nos aponta a cobiça como a raiz de todos os males. Esta (a cobiça) é a busca desordenada do homem e da mulher pelos bens inferiores, desprezando os bens superiores, tendo por ápice, Deus. Tal movimento é o movimento da vontade, que em si mesma não é boa nem má. Porém, quando movida contrária à razão, esta tende para o mal, mal este, que além de causar danos ao agente moral, pode provocar o mesmo aos seus semelhantes e ao cosmos. O retorno do ser humano para Deus nestas condições depende do auxílio da graça.

Dito isto, será feita agora a apresentação do pensamento do Papa Francisco, como proposto inicialmente.

2. Apresentação dos principais elementos do pensamento do Papa Francisco acerca da situação ecológica atual e da sua concepção de Ecologia Integral

Após ter sido feita a apresentação acerca do pensamento de Agostinho sobre o livre arbítrio, cabe agora realizar o mesmo com o pensamento do Papa Francisco sobre a sua concepção de ecologia integral, para em seguida inferir sobre quais contribuições o encontro dos dois pensamentos pode oferecer à ecoteologia contemporânea. É de se reiterar a complexidade da temática conclusiva e da natureza desta reflexão. Isto faz com que se tenha ciência dos limites das conclusões. Mas, não obstante isto, este é mais um esforço que se une a tantos outros, mundo afora.

A dimensão socioeclesial da questão ecológica atual

Primeira consideração a ser feita é de que a questão da crise ecológica atual é apresentada pelo Papa Francisco como um grave problema social, tanto que a Carta Encíclica *Laudato Si* é inserida no interior do magistério social da Igreja¹⁶. Talvez seja uma reflexão em nosso tempo, como fora a *Rerum Novarum* em período de nossa história¹⁷, mesmo que cause grande tristeza e apreensão para ela. Tomar a questão ecológica como uma questão eclesial significa o interesse que a Igreja manifesta em cuidar da Casa Comum, referência explícita sobre a temática da Encíclica mencionada, além de se fazer solidária com toda a humanidade em busca de alternativas que causem esperanças. O Santo Padre se coloca numa longa fila do magistério da Igreja, citada diretamente por ele, referente à crise ecológica, com raiz antropológica¹⁸, além de contar com as contribuições de outras Igrejas Cristãs e de outras Religiões¹⁹, recordar-se do Patrono da Ecologia, São Francisco de Assis e alçar a sua voz a toda a família humana para a urgente missão de cuidar da Casa Comum²⁰. Mas, simultaneamente, a Igreja tem consciência de que é uma voz dentre tantas outras, que devem se unir na busca de preservar e até reconstruir a natureza criada por Deus.

Mudanças de paradigmas no contexto atual

Difícilmente alguém conseguiria realizar uma exposição e análise exaustiva do que está acontecendo em nosso planeta hoje. Tanto os sintomas ou efeitos ambientais, como as suas causas são demasiados complexos diante da nossa limitada inteligência. Todo o esforço e esforço de todos se faz necessário para se cumprir esta tarefa. Mas isto não impede de, seguindo os passos do Papa Francisco na *Laudato Si*, indicar algumas mudanças percebidas por ele e que podem colaborar em nossa reflexão.

¹⁶ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nº15, p. 17.

¹⁷ Cf. LEÃO XIII, Papa. *Rerum Novarum* (Carta Encíclica sobre a condição dos operários). 9ª Ed. 1965. São Paulo: Paulinas, 1891

¹⁸ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nnº 3-6, pp. 9-12.

¹⁹ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nnº 7-9, pp. 12-14.

²⁰ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nnº 10-14, pp. 14-17.

A primeira delas é o contraste entre a rapidez das ações humanas na relação com o planeta e a lentidão natural da evolução biológica²¹. O tempo técnico-científico e o tempo ecológico são desproporcionais. Por exemplo, entre o plantio e crescimento de uma árvore (cerca de 10 anos) e a sua derrubada, a posterior transformação da mesma em matéria-prima e produto de consumo (algumas semanas) se encontra em vácuo que faz a natureza produzir menos do que o consumo humano acelerado. O mesmo raciocínio pode ser aplicado para a quantidade consumida e quantidade naturalmente produzida. Tal fenômeno interfere diretamente na qualidade de vida do planeta, como também a do ser humano.

Outra mudança é o distanciamento de uma parte da sociedade de uma confiança quase que irracional no progresso e nas ações humanas, para uma maior sensibilização relativa ao meio ambiente e ao cuidado da natureza²². Com o advento do positivismo cresceu-se um endeusamento da ciência natural e do seu braço prático, a técnica, de modo que parecia emergente a solução de todos os problemas. Mas com o passar do tempo, tal esperança foi se ofuscando. O que parecia ser um sonho conquistado, passou a ser um grande dilema, um paradoxo, uma faca de dois gumes, isto é, o progresso almejado trouxe sim vários benefícios, mas também causou graves sequelas, inclusive no meio ambiente, na qualidade vida humana e na degradação social.

Um último elemento indicativo de mudança é a crise do antropocentrismo moderno, isto é, o homem não pode continuar sendo concebido como um explorador desordenado na natureza, mas cuidador da mesma e de si mesmo²³. É urgente se estabelecer uma relação de cuidado de todo ser humano com o meio ambiente onde todos vivemos. Para isto se faz necessários valores éticos sólidos, que foram inscritos pelo próprio Deus em cada homem e mulher criados à sua imagem e semelhança (Gn 1,27). A submissão à terra (Gn 1,28) deve seguir os ditames da reta razão. Desta maneira, além de cuidar das criaturas divinas, o ser humano estará colaborando na construção de habitat saudável, proporcionando, simultaneamente, o cuidado de si mesmo e dos seus semelhantes.

A concepção de Ecologia Integral

²¹ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, n° 18, p. 19.

²² Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, n° 19; 105, pp. 19-20; 67.

²³ Cf. FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nn° 2; 115, pp. 9; 73.

Foi considerado oportuno contextualizar a questão ecológica, com raiz antropológica, dentro do Ensino Social da Igreja e algumas das principais mudanças mencionadas pelo Papa Francisco na *Laudato Si*, antes de se apresentar a sua concepção de ecologia integral. A justificativa está no fato de existir uma interligação destes elementos entre si. A Igreja, Luz dos Povos²⁴ se sente no dever missionário permanente de iluminar à luz daquele que é a Luz do mundo (Jo 8,12) a realidade onde ela se encontra. Além disso, como Mãe e Mestra²⁵, ela procura constantemente gerar seus filhos e filhas na caridade e educa-los na verdade (Jo 14,6). Assim, como parece ser evidente para todos o gemido atual da criação, como uma mãe em dores de parto (Rm 8,22) A Igreja alça a sua voz, esperando romper a surdez conveniente de muitos homens e mulheres por este mundo afora, exortando a todos a cuidar da nossa Casa Comum.

O que o Papa Francisco compreende por ecologia integral na *Laudato Si*? O Santo Padre oferece uma concepção de ecologia integral, partindo do princípio de que tudo está interligado, homem e toda a natureza criada formam uma relação necessária e essencial, onde o todo é superior à parte²⁶. Tudo está em constante relação. E não se trata de uma relação contingente, isto é, constituída pelo ser humano, mas de uma relação necessária, dada por Deus desde o princípio. Entrelaçam-se a unidade na multiplicidade e a multiplicidade na unidade de todas as coisas. E isto manifesta e representa a intenção e a bondade divinas. Assim atesta o Papa Francisco, citando São Tomás de Aquino:

Santo Tomás de Aquino sublinhava, sabiamente, que a multiplicidade e a variedade “provém da intenção do primeiro agente”, o qual quis que “o que falta a cada coisa, para representar a bondade divina, seja suprido pelas outras”, pois a sua bondade “não pode ser convenientemente representada por uma só criatura”²⁷.

O bem do ser humano incide no bem do meio ambiente e vice-versa. Tempo e espaço estão interligados. Os danos provocados num lugar específico, pode causar influências nefastas em tantos outros lugares, próximos ou distantes. Nessa direção justifica-se a preocupação recente e global com a questão da Amazônia, incluindo nisso,

²⁴ Alusão a: CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* (LG). (Constituição Dogmática sobre a Igreja). In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 25.ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.

²⁵ Alusão a: JOÃO XXIII, Papa. *Mater et Magistra*. (Carta Encíclica sobre a evolução social à luz da Doutrina cristã). 19ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1962.

²⁶ Conferir por exemplo: FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nnº 120; 137-142, pp. 9; 87-90.

²⁷ FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, nº 86, pp. 56-57. Conferir ainda: AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. (9 volumes). 2ª Ed. 2003. São Paulo: Loyola, 2001, I-I, q. 47, a. 1, p. 78.

o próprio Sínodo dos Bispos para a Amazônia²⁸. A destruição deste imenso bioma pode acarretar malefícios climáticos que serão sentidos em todo planeta. Por exemplo, o desmatamento ou as queimadas provocadas pelo agronegócio, podem influenciar ou já influenciam o aumento do nível de gases poluentes na atmosfera, a elevação da temperatura em muitas regiões, a escassez de chuvas em outras, assim por diante. O bem ou o mal praticados na relação ser humano e a natureza no passado, pode ser sentido no presente. Não é à toa que a relação ciência-técnica na exploração irracional da parte do homem, especialmente nos últimos dois séculos, gerou no presente este triste e devastador cenário. E se nada for feito no tempo presente, as futuras gerações sofrerão, certamente, mais amargamente do que nós. Enfim, existe uma comunhão existencial profunda entre tudo o que é.

3. Contribuições a partir da interface entre os dois pensamentos para o processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea

Após a apresentação dos elementos do pensamento de Agostinho acerca do livre-arbítrio e o Papa Francisco sobre a ecologia integral e ciente da atual crise ecológica, com raiz antropológica, serão indicadas algumas contribuições a partir da interface dos dois autores citados, tendo em vista a colaboração no processo construtivo da ecoteologia contemporânea. Estas contribuições consistem numa pequena semente que é lançada no coração da mãe terra, esperando que frutifique e cresça. Assim segue:

- a) Tendo em vista o louvor de Agostinho pela “ordem” universal, dada por Deus desde o princípio, da qual o livre arbítrio é um elemento positivo, mas também da concepção de ecologia integral do Papa Francisco, que aponta para a mesma direção de ordem universal agostiniana, interligação entre todos os seres criados, inclusive o ser humano e o meio ambiente, na sua biodiversidade, e, por fim, constatando que o crise ecológica atual, com raiz antropológica, provocou e provoca uma “desordem” catastrófica, que desfigura e danifica a intenção, a bondade e a unidade da Criação, manifestação e representação da desígnio criativo divino, faz jus inferir que tal desordem, provocada, dentre outras causas, pelo próprio ser humano, não

²⁸ Cf. ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Sínodo para a Amazônia. Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. (Instrumento Laboris). Brasília: CNBB, 2019.

condiz com o bem que por natureza, devemos buscar. A crise ecológica hodierna pode ser concebida como uma desfiguração da ordem natural do cosmo, concedido por Deus na Criação. É necessário, com extrema urgência, de uma conversão ecológica;

- b) Contra os maniqueus que consideravam as coisas materiais más por natureza, é preciso afirmar com nossos dois autores em questão, que toda a Criação é boa, pois, tem sua origem no ato amoroso e livre de Deus, o Sumo Bem. Desta maneira, contemplar a beleza das criaturas, deveria nos reportar à Beleza do Criador. Mas em contrapartida, a dor da natureza que sofre e morre no quotidiano de nossa história, deveria se converter na dor de cada ser humano;

- c) O amor pela prata não pode se sobrepor egoisticamente ao amor pela nossa Casa Comum. Foi visto que Agostinho afirmara que o amor pela prata, como representação do amor pelo dinheiro, que é a cobiça, é a raiz de todos os males. Quando o ser humano assim escolhe de proceder, a sua escolha é fundada numa vontade desregrada, tal escolha é má. A atual crise ecológica, com raiz antropológica, também traz consigo uma face econômica, segundo o Papa Francisco²⁹. A busca do lucro a todo custo é um dos referenciais primordiais na relação do ser humano com a natureza nos dias atuais. O mesmo (ser humano) parece não medir as consequências que, em muitos casos, causa ao meio ambiente, tendo em vista de se beneficiar o máximo em seus negócios. Sem a formação de uma reta consciência ecológica, torna-se cada vez mais difícil para o homem e a mulher hodiernos se pautarem por valores sólidos que garantam a existência humana digna e, simultaneamente, não deforme a nossa Casa Comum;

- d) O binômio verdade e liberdade deve acompanhar o ser humano na relação com os seus semelhantes, mas também na relação com todo o planeta. Assim, ética/moral e antropologia devem se entrelaçar no processo construtivo da ecoteologia atual. O ser humano, dotado de uma vontade livre ou livre-

²⁹ Conferir por exemplo: FRANCISCO, Papa. *Laudato Si*, n° 109, pp. 69-70.

arbítrio é, por natureza, o agente responsável de suas escolhas. Tais escolhas não podem ser feitas ao bel prazer, como se a liberdade humana fosse absoluta e não existisse nenhum referencial objetivo. A verdade natural (lei natural) mas, além disso, a própria verdade revelada, torna-se imperativo que não pode ser prescindido nem deixar de iluminar as escolhas humanas, se de fato se deseja que estas sejam moralmente boas;

- e) Rever a relação Deus, homem e mundo. O obscurecimento de Deus na existência humana e, conseqüentemente em todo o universo, experimentados nos últimos dois séculos é uma outra questão ser repensada e revisitada. Primeiramente, parece se fazer necessário o reconhecimento de um “Deus”, com princípio absoluto, que exista necessariamente, para assegurar e dar sentido à existência contingente do ser humano e de todo o planeta. E nós cremos na Santíssima Trindade. Se não for assim, o ser humano pode se arrogar o direito de ser o proprietário do universo, a nossa Casa Comum, podendo fazer com ele o que bem entender. É urgente compreender a interligação entre tudo o que existe. A qualidade da vida o seu bem viver, passam também, pela qualidade de vida da natureza e do seu bem viver. Crê-se que tanto Agostinho como o Papa Francisco testemunham nesta direção. Aceitando Deus como Bem Maior, o ser humano e o mundo como suas criaturas, seriam ambos participantes na bondade infinita Dele, cada um ao seu modo, tendo assim, as condições de possibilidades de se construir relações justas e saudáveis. Além disso, a relação de submissão da terra ao homem (Gn 1,28) conferida por Deus, deve ser redefinida em nosso tempo, a fim de que o ser humano se torne um cuidador e não mero explorador irracional da natureza. Tal exploração irracional do ser humano à natureza é outra causa, da “rede de causas”, da crise ecológica contemporânea. A categoria “cuidador” atribuída ao ser humano no seu relacionamento com a natureza, é uma categoria antropológica muito feliz que nos foi oferecida pelo Papa Francisco na *Laudato Si*;
- f) Unificar a compreensão de uma antropologia integral com a de uma ecologia integral. É impossível que se separe a corporeidade humana de sua espiritualidade. Quando assim é feito caímos em graves riscos e erros. O ser

humano é uma unidade totalizante. Somo um espírito encarnado³⁰. Esta comunhão essencial pode ser vista, analogamente, como a nossa necessária interligação da natureza e a interligação existente em todos os seres naturais entre si.

Enfim, acredita-se que está em aberto um longo desafio a ser enfrentado pela Igreja e por toda a humanidade, isto é cuidar de nossa Casa comum. A reflexão aqui realizada é um pequeno esforço diante de tanto que ainda se tem a fazer. Com a luz da fé e a colaboração da razão se faz necessário um mutirão solidário para se bem viver, ser humano e a natureza.

Conclusão

Recorda-se que o objetivo desta reflexão era de verificar se a partir da relação de livre-arbítrio de Santo Agostinho e das reflexões do Papa Francisco acerca da situação ecológica atual e de sua concepção de Ecologia Integral seria possível extrair elementos que colaborem no processo construtivo de uma ecoteologia contemporânea.

Mesmo sabendo da complexidade e alcance desta problemática, crê-se ter alcançado atingir o que fora proposto.

Cada ser humano deve tomar consciência que suas escolhas e prováveis ações devem serem pautadas por valores implícitos em sua natureza racional. De outro modo, os atos humanos podem ser objetivamente maus e continuarem a desfigurar a nossa Casa Comum. Este é um dos legados que a pesquisa pode usufruir a partir do pensamento de Agostinho, acerca do livre-arbítrio.

Por outro lado, tem-se consciência dos dramas ecológicos, de alcance universal, que passa o nosso planeta. O bem viver humano parece, em nossos dias, não considerar o mesmo para a natureza. E isto está na contramão dos desígnios do Criador, que nos deu tudo bom. Parece existir, de fato, uma desconexão entre o ser humano e o meio ambiente onde o este convive. Sendo assim, se faz urgente aplicarmos na prática cotidiana a concepção de uma ecologia integral, onde tudo está interligado. Estas duas indicações consistem no legado que nos deixa o Papa Francisco.

³⁰ É a tese defendida por: LUCAS LUCAS, Ramón. *L'uomo spirito incarnato*. 2ª Ed. 1997. Milano: San Paolo, 1993.

Para ser levado a termo a o objetivo proposto foi feita uma interface entre os dois autores apenas citados. O encontro do livre-arbítrio com a questão ecológica atual parece ter sido pertinente. Afinal, é noto a responsabilidade humana na construção deste triste cenário que continua a desfigurar o planeta.

Enfim, esta reflexão foi um pequeno passo no longo caminho que ainda temos a ser percorrido. Foi uma pequena semente lançada no coração da mãe terra, esperando que germine e dê bons frutos. Iluminados pela luz da fé, guiados pela reta razão, modelando um coração com sensibilidade ecológica, todos os homens e mulheres são chamados a cumprir esta nobre missão, cuidar da nossa Casa Comum.

Referências

- AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. (Tradução: Ir. Nair de Assis Oliveira). 4ª Ed, 2004. São Paulo: Paulus, 1996.
- _____. *Confissões*. (Tradução: Maria Luiza Jardim amarante). 19ª Ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- AQUINO, T. *Suma Teológica*. (9 volumes). 2ª Ed. 2003. São Paulo: Loyola, 2001.
- ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Sínodo para a Amazônia. Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. (Instrumento Laboris). Brasília: CNBB, 2019.
- BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da filosofia cristã*. 11ª Ed. 2008. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* (GS): Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frei Federico (Coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 25.ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1968.
- _____. *Lumen Gentium* (LG). (Constituição Dogmática sobre a Igreja).
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*. 2.ed. 2007. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007.
- DENZINGER – HUNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 3ª Ed. 2015. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. (sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo atual). 1ª reimpressão 2014. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. *Amoris Letitia*. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na Família). Brasília: CNBB, 2016.
- _____. *Veritatis Gaudium*. Constituição Apostólica sobre as Universidades e Faculdades Eclesiásticas). 1ª Ed. 2018. Brasília: CNBB, 2017.
- _____. *Laudato Si* (Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum). Brasília: CNBB, 2015.
- JOÃO XXIII, Papa. *Mater et Magistra*. (Carta Encíclica sobre a evolução social à luz da Doutrina cristã). 19ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1962.
- LEÃO XIII, Papa. *Rerum Novarum* (Carta Encíclica sobre a condição dos operários). 9ª Ed. 1965. São Paulo: Paulinas, 1891
- LUCAS, R. *L'uomo spirito incarnato*. 2ª Ed. 1997. Milano: San Paolo, 1993.

Recebido em: 30/08/2019
Aprovado em: 05/11/2019